

PAULO FREIRE E PIERRE FURTER: ENCONTROS COM O PENSAMENTO UTÓPICO

Juliano Peroza.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná - IFPR.

Mario Viché.

Universitat de Valencia.

Introdução

A reflexão sobre a educação, em nossa época, se caracteriza, consideravelmente, pela ênfase nas abordagens psicopedagógicas. Também percebe-se um fascínio com o advento das novas tecnologias, principalmente em torno da preocupação com as consequências do rápido desenvolvimento da Inteligência Artificial. O espanto diante do surgimento de tantas mudanças significativas no hoje, engendra um repertório de respostas que, muitas vezes, revelam mais atitudes de adaptação às narrativas condicionantes do presente, num clima fatalista de aceitação do status quo, enquanto esvaziam-se as capacidades de conjecturar alternativas humanizadoras para além do agora. Ou seja, as discussões pedagógicas perderam a capacidade de sonhar, imaginar, pensar o inédito, como se esta atitude fosse inútil e desnecessária perante o repertório de narrativas condicionantes e imediatistas desta época.

Isso não significa que a atenção intelectual em torno da urgência dos variados temas que emergiram nas últimas décadas deva ser ignorada. Apenas constata-se que houve uma dispersão da atenção intelectual a respeito das questões centrais, as quais, defende-se aqui, precisam sempre ser revisitadas e rediscutidas em perspectiva com os desafios atuais, portanto, não podem jamais ser esquecidas.

Sobre isto, Charlot (2020) nos lembra que a pedagogia contemporânea deixou de lado uma questão originária que sustente, sob bases sólidas, qualquer discussão no âmbito educacional. Trata-



se da pergunta: “o que é o homem?”, ou melhor, “o que é o ser humano?”. Esta ausência antropológica na problematização sobre as propostas educacionais de nosso tempo, revelam uma lacuna central, sintoma de uma crise originária, pois, sem uma sólida concepção sobre os elementos fundantes da condição humana, não podemos prospectar as bases de sua própria formação. Neste cenário, é preciso voltar aos fundamentos, sem os quais não se pode avançar na construção de uma proposta educativa genuína, para além de qualquer reducionismo meramente tecnocrático e profissionalizante.

Assim, a retomada do pensamento dos filósofos e educadores Paulo Freire [1922-1997] e Pierre Furter [1931-2020] se faz muito oportuna. Ambos assumiram, sem reservas, a centralidade da utopia em suas reflexões epistêmicas sobre educação e pedagogia. Desde seu primeiro encontro no nordeste brasileiro na década de 1960, percebe-se que exerceram influências recíprocas em suas concepções teórico-metodológicas sobre pedagogia, antropologia, educação e formação humana. Suas posições teórico-práticas, nitidamente embasadas no pensamento utópico, foram muito influentes no campo educacional latino-americano e ainda se apresentam muito oportunas para desafiar a imaginação criadora e a criatividade inovadora dos educadores nos dias atuais, para além da atmosfera imediatista que encerra o pensamento numa adaptação determinista aos problemas do tempo presente.

Também, procuraremos compreender os aspectos e nuances de como cada um destes autores se apropria do discurso utópico, dando-lhe características peculiares, marcadas pela forma como cada um articulava suas reflexões pedagógicas. Pierre Furter, zeloso pelo alto grau de erudição e rigor analítico na exposição conceitual e crítico da utopia, em diálogo permanente com os pensadores da tradição utópica, principalmente na interpretação minuciosa de sua principal referência, Ernst Bloch. Já, Paulo Freire, revela um caráter profético e carismático na apropriação das diretrizes fundantes do pensamento utópico sem se preocupar, necessariamente, em citar ou mencionar os autores da tradição utópica, uma espécie de visionário que tem profunda clareza da viabilidade do sonho que anuncia, como se estivesse convocando seus leitores a participar com ousadia da projeção de ações inéditas, sem temer o risco de buscar viabilizá-las. Se Paulo Freire ficou conhecido como o “andarilho da utopia”, alguém que irradiava e exalava sua convicção de mudar o mundo para superar toda e qualquer



situação de desumanização, Pierre Furter pode ser considerado um “catedrático da utopia”, alguém que se dedicou sistematicamente a estudar a tradição utópica e seus respectivos pensadores, a compreender sua complexidade e a defender a necessidade de sua permanente atualização para o devir da contemporaneidade.

De qualquer forma, os dois mantiveram-se profundamente sintonizados com as exigências da transformação radical da realidade no horizonte do sonho acordado, na denúncia contumaz às estruturas desumanizantes e no anúncio permanente da educação libertadora como processo de humanização.

Paulo Freire e Pierre Furter: do encontro pessoal, ao encontro com a utopia.

O desafio deste trabalho consiste em pensar uma relação entre dois pensadores singulares na história da educação, ainda pouco discutida, ou pouco problematizada, relação esta marcada por uma recíproca influência. Furter, por várias vezes, se demonstra encantado com a figura de Paulo Freire; por outro lado, pode-se perceber uma absorção, por parte de Freire, das análises e considerações que Furter estabelece a respeito da educação e da utopia.

Freire e Furter foram duas pessoas muito diferentes, cada um caracterizado por uma personalidade forte, marcados por vertentes cristãs díspares e contextos culturais distantes mas, com fundamentações filosóficas comuns, os dois convergiram em torno de uma visão humanizadora e utópica do mundo, na mesma medida em que partilhavam da esperança no devir qualitativo da humanidade. Comprometeram-se profundamente com a transformação da realidade e cultivaram a firme crença de que a educação é a ferramenta mais poderosa para mudar o mundo.

Pierre Furter nasceu em La Chaux-de Fonds, Suíça, em 1931, e faleceu em Genebra, em 2020. Sua formação acadêmica teve início na Universidade de Lausanne, onde obteve licenciaturas em Ciências Pedagógicas na Escola de Ciências Políticas e Sociais da Faculdade de Direito (1955), e Letras, na mesma Universidade (1958), prolongando-se em Portugal, com a obtenção de Diploma Superior de Estudos Portugueses, na Universidade de Lisboa; doutorou-se em Letras na Faculdade de Letras da Universidade de Neuchâtel, em 1965. Professor pesquisador no Instituto Universitário de



Estudos do Desenvolvimento, da Universidade de Genebra, e da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da mesma Universidade, de 1970 a 1997, da qual, após a sua aposentadoria, recebeu o título de Professor Honorário. Foi um profícuo escritor e pesquisador, destacando-se, inclusive, nas pesquisas sobre Educação Comparada na África e na América Latina.

Paulo Freire nasceu na cidade do Recife, Pernambuco, Brasil, em 1921, e faleceu em 1997, na cidade São Paulo. Iniciou sua atividade acadêmica no curso de Direito, e doutorou-se em Educação, em 1959. Destacou-se na história da Educação como um grande pensador na área de alfabetização de adultos. Atuou como educador em vários espaços, destacando-se como docente universitário, assessor do Conselho Mundial de Igrejas para assuntos educacionais na África, Secretário da Educação na cidade de São Paulo, conferencista e escritor.

O encontro entre estas duas personalidades singulares na história da educação brasileira aconteceu de maneira imprevisível, como se fosse uma bela surpresa do destino. Ambos se conheceram na cidade do Recife, em 1962, ocasião em que o ainda jovem professor suíço visitava o Brasil a fim de aprimorar seus conhecimentos sobre a língua portuguesa e a cultura brasileira a convite de Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores do Brasil). Furter foi para o nordeste por ter ouvido falar do trabalho de Paulo Freire com o SEC (Serviço de Extensão Cultural da Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco) e queria conhecê-lo diretamente.

Sobre este evento, Pierre Furter revela ter ficado “encantado” diante do que presenciava ao se deparar com as experiências educativas baseadas no método de alfabetização concebido por Paulo Freire:

No entardecer do primeiro dia na minha primeira chegada ao Nordeste – devia ser em 1962, eu acho – já estava em frente do mestre deitado na sua rede. Diziam o Costa Lima e o Uchoa Leite que era um pedagogo famoso no Recife progressista destes tempos do Arraes, ainda que totalmente desconhecido para mim. Ouvindo durante toda esta noite inesperada a sua fala que parecia nunca mais acabar, tive a revelação que, depois de estudar tantas teorias pedagógicas, tinha enfim encontrado uma educação



que se fazia e se vivia a cada dia; que nascia de uma consciência crítica dum presente problemático mas prenhe de um futuro pré-revolucionário que se abria sobre uma utopia concreta. (Furter, 1996, p. 180).

Furter foi uma pessoa que sempre procurou buscar sentido e coerência entre as teorias acadêmicas e as práticas socioeducativas. Por isso ele fica fascinado pelas ideias e as práticas da educação popular que presenciou junto à equipe de Paulo Freire. Ali, Furter encontrou a práxis duma educação crítica, utópica e transformadora que ele procurava a partir dos seus estudos, pesquisas, leituras e reflexões.

Esta declaração é muita oportuna para esta investigação. O encontro pessoal entre estas grandes personalidades se inicia com uma experiência marcante de admiração e curiosidade, no sentido mais substancial da noção de espanto aristotélico (pathós). Este evento inaugura um verdadeiro despertar filosófico-pedagógico, afinal, em meio às trivialidades dos encontros ocasionais, Furter foi contagiado pelas ideias de um nordestino sonhador, que apresentava seus sonhos acordados com profunda lucidez e coerência com as exigências de transformação da realidade sofrida, fortemente marcada pelas chagas do analfabetismo. Paulo Freire foi o grande responsável por cativar Furter para a vivência de uma experiência utópica, transfigurada numa prática educativa ineditamente promissora, e encarnada no método de alfabetização conscientizadora de jovens adultos. Nesse encontro pessoal e de partilha de utopias possíveis, que se produz um fascínio mútuo que vai durar toda a vida de ambos, e que vai permanecer além de desencontros acadêmicos, religiosos ou pessoais.

Na sua primeira viagem ao Brasil, Furter acompanhou Paulo Freire nas atividades de alfabetização no nordeste brasileiro experimentando diretamente a prática da pedagogia da liberdade nas intermináveis falas com Freire e a sua equipe de colaboradores.

Depois desta experiência, Pierre Furter apostou na clarividência de sua curiosidade intuitiva e deixou a Suíça para viver no Recife e acompanhar de perto os processos de alfabetização liderados por Paulo Freire e o Movimento de Cultura Popular, no nordeste brasileiro. Estes tinham o propósito



de irradiar esta experiência em todo território nacional, num profundo espírito de radicalidade democrática, cujo propósito consistia em contribuir para alavancar a participação substancial das massas no cenário político nacional. Assim, Furter voltou para o Recife em janeiro de 1963, segundo ele explica para Yvone Soares dos Santos Greis, na entrevista realizada para sua dissertação de mestrado “como responsável da avaliação de Paulo Freire” (Teixeira, 2021, p. 43).

A partir da decisão de permanecer no Brasil, Pierre Furter se insere ativamente do debate intelectual com uma leitura crítica dos problemas da realidade nacional, contribuindo de maneira rigorosa sobre o diagnóstico daquela época. Mas, também, apontando caminhos criativos, inspirado no modelo de educação conscientizadora proposta por Paulo Freire, para que se pudesse enfrentar as heranças da dominação colonial que impediam a nação de assumir as rédeas de seu próprio destino.

Engajadamente comprometidos com uma prática educativa revolucionária e inovadora, Freire e Furter, até então, não sentiam ainda a necessidade de escrever ou falar categoricamente sobre a utopia, afinal a comunhão dos seus sonhos transfigurava no tempo presente, num projeto histórico de sociedade que se esboçava e se vivia nas entranhas da realidade. Compartilhavam a concepção embrionária de um processo educativo completamente original na medida em que arquitetavam seu desdobramento na articulação coerente entre ação-reflexão-ação para mudar o mundo, a qual, por sua vez, exigia uma profunda solidariedade entre teoria e prática.

Ambos se engajaram assiduamente num movimento histórico que fermentava o anseio por profundas transformações, uma espécie de clima de “efervescência político-cultural” (Scocuglia, 1999). Esta efervescência dinamizava um entusiasmo renovador em vários setores progressistas da sociedade, os quais fomentavam estratégias para o aumentar os níveis de participação popular nas pautas dos principais problemas nacionais, para que o povo deixasse de ser mero espectador das decisões formuladas pelas elites e passasse a reivindicar suas necessidades.

Um dos motores centrais deste processo emancipatório seria o plano de ação para criar 20 mil círculos de cultura que seriam implementados em todo o Brasil, para alfabetizar dois milhões de pessoas, na medida em que o presidente João Goulart levasse adiante suas reformas de base. Tamanha



ousadia não passaria despercebida às elites do poder que se sentiam ameaçadas com as prováveis consequências da erradicação abrupta do analfabetismo, que, por sua vez, diminuiria o poder anestésico da alienação que perpetuava sua condição de classe dominadora. Isto inverteria a correlação de forças na disputa democrática pela eleição de governantes que dialogassem verdadeiramente com os anseios da maioria da população e representassem de maneira genuína seus interesses.

Mas também, naquela época, além do fascínio pessoal e intelectual entre os dois, houve um ponto de desacordo entre Pierre e Paulo, o que Furter explicou em várias ocasiões¹. O desacordo se deu quando Miguel Arraes era candidato a presidente e Paulo Freire foi para Aracaju para dinamizar a Campanha Nacional de Alfabetização, com o objetivo estratégico de promover uma rápida campanha de alfabetização popular para, com isso, apoiar a candidatura do político. Pierre Furter se opõe a esta estratégia, porque acha que é contrária ao projeto de conscientização popular. Furter acredita que houve uma contradição entre a utopia democrática e a necessidade de tomar o poder nesse momento. Este desencontro se repetiu ao longo do tempo por causa das suas atitudes pessoais, a sua personalidade e as suas visões sobre a ética, a filosofia e a práxis política. Mas essas divergências nunca abalaram o reconhecimento recíproco.

Até o golpe cívico-militar de 1964, ambos tinham clareza de que suas propostas político-pedagógicas respondiam autenticamente aos apelos de uma concepção educacional de vanguarda para a época, todavia, nem Paulo Freire, nem Pierre Furter, ainda haviam declarado, de modo explícito em seus escritos, a adesão ao conceito da utopia como elemento central do seu pensamento.

Em sua tese intitulada *Educação e Atualidade Brasileira* (Freire, 2001), escrita em 1959, para concorrer à docência na cadeira de História da Educação, na Universidade do Recife, Freire não menciona a categoria utopia. Compreendia que o Brasil despertara para um novo momento histórico, de superação da “inexperiência democrática”, em que o papel da educação seria proporcionar uma “ideologia do desenvolvimento”. Nesta época, Freire foi fortemente marcado pelas discussões

¹Depoimento de Pierre Furter prestado ao professor Mário Vichè, co-autor deste texto.



fomentadas pelo ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) que surgiu na década de 1950 com o propósito de fundamentar uma visão que irradiasse o engajamento de intelectuais progressistas no protagonismo de mudanças estruturais que deveriam acontecer para superar os resquícios autoritários da herança colonial.

Quando os militares tomam o poder começa, para os dois protagonistas do nosso relato, tempos mais difíceis. Da prisão e o exílio para Paulo, e um itinerário pela América Latina para Pierre, na condição de consultor da UNESCO. Tempos de fracasso e frustração, mas também, de aprendizagem, de reflexão e práxis, que vai amadurecer suas contribuições mais críticas.

O golpe representou um divisor de águas no posicionamento teórico destes dois intelectuais, pois impôs a interrupção imediata de uma experiência inédita em vias de efetivação, que anuncjava resultados promissores no que se refere à emancipação popular: a erradicação do analfabetismo, a radicalidade democrática, a reforma agrária, o desenvolvimento socioeconômico, a universalização de uma cidadania crítica, ou seja, a irradiação de uma cultura da liberdade numa sociedade fundada, e ainda regida, pela lógica do autoritarismo e da violência colonial.

Com o regime autoritário, Paulo Freire foi imediatamente para o exílio, primeiro passando por uma rápida estada na Bolívia e, posteriormente, vindo a se estabelecer no Chile até 1969. Pierre Furter conseguiu “camuflar-se” dentro do Brasil em órgãos ligados às Universidades, como professor e pesquisador convidado, vindo a se estabelecer provisoriamente na Venezuela até 1969. O fato é que a sensação de fracasso marcou a vida de ambos, de tal modo que, se por um lado provocou numa reorientação existencial drástica diante dos “escombros” de uma experiência educacional original em início de construção, por outro lado lhes conduziu a uma reflexão teórico-metodológica para continuar a edificação deste projeto para além de sua existência física, mas que se sustentasse, também, no plano imaginário. Pode-se dizer que esta derrota ressignificou seus posicionamentos intelectuais posteriores, nos quais, o pensamento utópico passa a ser decisivo para resistir aos futuros prováveis obstáculos que surgissem.



Na década de 1990, Pierre Furter revela, numa entrevista, que seu interesse pelo estudo da utopia nasceu, decisivamente, a partir de uma avaliação profunda da sensação de fracasso pela desmobilização do projeto de libertação (Furter, in: Greis, 1996, p. II-11; p. II-15). Deu-se conta de que a vitória autoritária dos golpistas não poderia, simplesmente, aniquilar o desejo de libertação dos vencidos. Assim, extraiu da experiência do fracasso as lições centrais que embasariam as estratégias intelectuais para dar consistência à resistência teórica para não sucumbir às mudanças de rumo que os descaminhos da história impõem, mas também sagacidade analítica para entender os meandros da realidade, e não divagar nos devaneios do otimismo.

Após o golpe, Pierre Furter publicou dois pequenos livros em que já esboçava algumas intuições originárias que demonstram sua adesão ao pensamento utópico. Trata-se dos livros *Educação e Reflexão* (Furter, 1975) e *Educação e vida* (Furter, 1973), o primeiro em 1965, e o segundo, em 1966. Também chama a atenção o artigo intitulado *Utopia e Marxismo segundo Ernst Bloch* (Furter, 1966) que Furter publica em 1966, em homenagem aos 80 anos de Ernst Bloch, no qual aprofunda e demonstra grande sintonia com sua visão de mundo, deixando evidente o germen daquilo que se tornaria, anos depois, a *Dialética da Esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch* (Furter, 1974).

Em *Educação e Reflexão* há todo um capítulo dedicado à importância do pensamento utópico, intitulado *Utopia e Educação*. Nele Furter discorre sobre vários pensadores que se dedicaram a defender a função social das utopias, que, ao contrário estigma pejorativo, provocam o pensamento a buscar alternativas para além do meramente factível. Justifica sua inquietação com a seguinte questão: “por que existem educadores – entre outros – que escrevem utopias? Uma utopia se escreve quando o autor não crê mais nas suas possibilidades de realização. Uma utopia é uma última mensagem, deixada para que uma geração ulterior se sinta chamada a realizar o que foi previsto” (Furter, 1975, p. 43). Em seguida, apresenta, em poucos parágrafos, uma síntese sobre as principais teses de Ernst Bloch, autor de “O Princípio Esperança” (Bloch, 2005), uma das principais referências que embasaria suas reflexões epistêmicas e existenciais ao longo da vida.



Já em *Educação e Vida*, também dedica um capítulo inteiro intitulado *A Esperança na Educação*.

Inaugura o texto com a seguinte epígrafe: “para que as crises possam ser momentos frutíferos, torna-se necessário ao homem ter uma visão esperançosa da existência” (Furter, 1973, p. 93). Problematiza em todos os momentos desta reflexão a distinção entre esperança e otimismo: a primeira é realista, comprehende os obstáculos e dificuldades para enfrentá-los [a esperança é um trampolim]; o segundo é ilusório e idealista, tende a sucumbir com fragilidade perante as dificuldades [apaga as dificuldades vendo as coisas de longe]. Dedica uma especial atenção ao que chama de “pedagogia do fracasso”: “uma pedagogia pessimista e trágica da existência humana, crê que o fracasso é sempre pedagógico” (Furter, 1973, p. 101). Esperança e fracasso, neste sentido, precisam estar lado a lado. Sem o fracasso, enquanto obstáculo, a esperança descamba em mero idealismo. Já o fracasso, sem a esperança, por sua vez, esvazia-se em derrotismo.

Nestes dois momentos é visível a tentativa que Pierre Furter faz em tecer uma articulação teórica com o pensamento utópico para justificar os descaminhos da experiência de alfabetização freiriana interrompida. De modo geral, o fracasso sofrido e a crise que se apresentava diante do novo cenário extremamente adverso, não significava que o esforço realizado tinha sido em vão, muito menos que os projetos imaginados deveriam, simplesmente, ser esquecidos, ou abandonados por completo. Pelo contrário: o pensamento utópico permite uma nova atribuição de sentido à originalidade da prática iniciada, muito além dos seus prováveis descaminhos. O golpe militar revelou que a história é cheia de obstáculos e os eventos planejados não se realizam de maneira linear. Quem se ocupa de apresentar alternativas aos limites do status quo, sempre deve estar preparado para sofrer alguma espécie de derrota.

Em 1967 Paulo Freire publica *Educação prática da liberdade* e o amigo Furter foi convidado a fazer o prólogo desta primeira edição. Nele, define Paulo como um homem de diálogo, uma oralidade que qualifica como “dialética da continuidade”. Uma atitude pessoal que obriga-nos a uma constante atenção à fala da pessoa que Furter qualifica como “extraordinário pernambucano”. Um diálogo que é o fundamento da práxis e que tem duas condições. A primeira é que as palavras “não sejam mais



ocas” e, a segunda, é que ninguém se sinta excluído ou “posto à margem da vida nacional”. No texto, Furter explica que Freire é um cristão militante, que fala com autenticidade. Já neste texto Furter manifesta uma dúvida (que aparecerá repetidamente em textos posteriores) a respeito da passividade do povo com quem, como educadores, queremos dialogar e que pode ser uma contradição entre o discurso e a prática de uma autêntica educação liberadora. Esta dúvida parece ser um ponto de atenção para a reflexão do próprio Paulo Freire. Mas, apesar disso, acredita na sua concordância com as teses do livro quando, no prólogo, conclui:

Com a obra de Paulo Freire (de que este livro é só um sinal), a era dos discursos e dos manifestos sobre a educação está superada por uma prática em que teoria e práxis mutuamente se fertilizam. No entanto, para isto, ainda é necessário que haja quem ouça. (Furter, 1967, prólogo).

Este período é rico de vivências, mas também, de itinerâncias dos dois pela América Latina que terminará com a chegada deles em Genebra. Pierre Furter regressou à Suíça em 1969 depois sua estadia na Venezuela. Em 1970, Paulo Freire vai para Genebra, local em que trabalhou para o Conselho Mundial de Igrejas até 1980. Freire é convidado a animar os grupos protestantes que queriam traduzir a Teologia da Libertação em práticas libertadoras. Ali ambos cultivaram uma amizade afetiva e pessoal, acima dos seus desencontros intelectuais e acadêmicos.

Isto posto, uma hipótese que emerge neste momento de nossa investigação, devido ao fato de que Pierre Furter e Paulo Freire estiveram muito próximos neste período, cada um sempre esteve atento às análises e produções textuais que o outro elaborava. Por isso, consideramos que Furter, por meio destes dois textos¹ (*Educação e Vida* e *Educação e Reflexão*), exerceu uma grande influência

¹Deve-se ressaltar que estas obras de Furter – *Educação e Reflexão*, e *Educação e Vida* – se encontram no acervo bibliográfico de Paulo Freire, ambas edições do ano 1966. In: <https://biblioteca.paulofreire.org/cgi-bin/wxis/iah/scripts/?IsisScript=iah.xis&lang=pt&base=MARC>. Acesso em 11/03/2025. Já o livro *Dialética da Esperança: uma interpretação do pensamento de Ernst Bloch*, também escrito por Furter, trata-se de uma edição original de 1974. É importante mencionar, também, os livros de Ernst Bloch que constam no acervo de Paulo Freire e



sobre o contato de Paulo Freire com pensamento utópico do filósofo alemão Ernst Bloch no final da década de 1970, período em que gestou a Pedagogia do Oprimido. Esta consideração é necessária, pois, como será mostrado adiante, Paulo Freire assumirá a substancialidade do pensamento utópico sustentado por Ernst Bloch, interpretado por Pierre Furter. Contudo, em toda sua vasta produção bibliográfica, devido ao caráter acentuadamente dialógico de sua escrita, há uma lacuna no que se refere à ausência de citações, tanto à Bloch, quanto aos pensadores representantes da tradição do pensamento utópico.¹

A redação da Pedagogia do Oprimido aconteceu entre os anos de 1967 e 1968, e sua publicação aconteceu somente em 1970 (Araújo Freire, 2017, pg. 331). Nela, Paulo Freire faz duas menções à obra Educação e Vida de Pierre Furter, deixando transparecer que já havia se inteirado das relevantes análises do companheiro sobre as exigências do pensamento utópico. A primeira, menciona a criticidade, quando diz “Pensamento crítico, espaço temporalizador, lugar para ação” (Freire, 1988, p.83). A segunda quando fala do humanismo e cita “Humanismo, consciência de nossa humanidade plena” (Idem, p. 84)

Mas, mesmo ainda nesta sua obra magna, Freire não deixa transparecer a substancialidade da utopia como base elementar do seu pensamento político-pedagógico. Está claro que a *Pedagogia do Oprimido* é um exímio esforço de reflexão sobre alguns dos princípios fundamentais para “partejar”

podem ser consultados no mesmo link anterior: A philosophy of the future (edição de 1970); Man on his own : essays in the philosophy of religion (edição de 1970); e Héritage de ce temps (edição de 1974). Há também a obra de Laënnec Hurbon sobre o autor, intitulada: Ernst Bloch utopie et espérance (edição de 1974). Pela data destas edições, é possível dizer que Freire leu Ernst Bloch depois de ter tido contato com os textos de Furter, os quais sinalizavam para uma interlocução com o pensamento deste autor.

¹Uma ressalva a esta consideração precisa ser feita. Trata-se da citação que Paulo Freire faz no livro Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos (Freire, 2007) à obra do teólogo protestante Jürgen Moltmann: Religion, Revolution and the Future, publicada no ano de 1969. Moltmann se destacou no cenário teológico do século XX como o Teólogo da Esperança, um dos principais representantes do pensamento utópico na perspectiva da Escatologia Cristã, cuja principal obra sobre o tema, Teologia da Esperança, havia sido publicada em 1965. É preciso mencionar que, apesar de não citá-la, há outra obra de Moltmann no acervo bibliográfico de Paulo Freire. Trata-se de Theology of hope: on the ground and the implications of a christian eschatology, publicada no ano de 1965, o mesmo ano de edição que se encontra neste acervo referenciado na nota anterior.



este novo ser humano, princípios estes que não teriam sentido e, de nada adiantariam, se não fossem aplicados com fé e esperança, como Freire assume no último parágrafo desta obra: “se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (Freire, 1988, p. 184).

Mas, apesar de se posicionar reiteradas vezes, nesta obra, sobre a importância da esperança, bem como da defesa intransigente de que a educação seja um empenho permanente na busca do “inédito-viável”, disposições indispensáveis à prática dialógica transformadora, Freire indica, no subcapítulo em que discute “o homem como um ser inconcluso”, que já havia realizado a devida aproximação entre a utopia e o seu pensamento político-pedagógico em outro texto, que mais tarde, foi publicado no livro chamado de *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*:

Em *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*, discutimos mais amplamente este sentido profético da educação (ou ação cultural) problematizadora. Profetismo e esperança que se resultam do caráter utópico de tal forma de ação, tomando-se a utopia como a unidade inquebrantável entre a denúncia e o anúncio. Denúncia de uma realidade desumanizante, e anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais. Anúncio e denúncia não são, porém, palavras vazias, mas compromisso histórico (Freire, 1988, p. 73).

Na referida obra, *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* (2007), em que reúne uma coletânea de estudos de “transição”, praticamente contemporâneos à construção da *Pedagogia do Oprimido* (1988), Freire aprofunda a reflexão sobre a utopia/esperança. Demonstra sua centralidade para a compreensão do sentido da sua proposta pedagógica e da extensão significativa de uma prática educativa que se pretenda revolucionária:

Neste sentido, a pedagogia que defendemos, concebida na prática realizada numa área significativa do Terceiro Mundo, é, em si, uma pedagogia utópica. Utópica, não porque se nutra de sonhos



impossíveis, porque se filie a uma perspectiva idealista, porque implice um perfil abstrato de ser humano, porque pretenda negar a existência das classes sociais ou, reconhecendo-a, tente ser um chamado às classes dominantes para que, admitindo-se em erro, aceitem engajar-se na construção de um mundo de fraternidade. Utópica porque, não ‘domesticando’ o tempo, recusa um futuro pré-fabricado que se instalaria automaticamente, independente da ação consciente dos seres humanos. Utópica e esperançosa porque, pretendendo estar a serviço da libertação das classes oprimidas, se faz e se refaz na prática social, no concreto, e implica na dialetização da denúncia e do anúncio, que têm na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo (Freire, 2007, p. 70).

Decisivamente, nesta passagem, Freire relaciona, sem rodeios, o caráter genuinamente utópico da sua proposta político-pedagógica. Em primeiro lugar, nega a tendência abstrata e idealista do que comprehende por utopia. Nessa “utopicidade” pedagógica, o tempo (futuro) e os seres humanos, em hipótese alguma, podem ser domesticados, pois são inconclusões e inacabamentos em tendências que se projetam, se lançam no devir temporal. Como para Ernst Bloch, e seu intérprete Pierre Furter, Freire concorda que as exigências do pensamento utópico coincidam com as experiências da prática revolucionária.

Nestes termos, há fortes indícios de que Paulo Freire tenha sofrido alguma influência do amigo suíço, tradutor e intérprete do filósofo alemão para a realidade latino-americana. É possível que Freire tenha sido um dos primeiros a se antecipar perante as expectativas de Furter, expressas no prefácio de sua *Dialética da Esperança*, datado de 1968:

A vontade de falar e escrever sobre Ernst Bloch não surgiu, portanto, de um entusiasmo subjetivo provocado pela simples novidade diante de um autor desconhecido, nem nasceu de uma arrogante convicção de que Bloch tinha qualquer “mensagem” para a América Latina, mas do nosso espanto diante da atualidade e da justeza do seu pensamento numa situação que nunca tínhamos previsto nem imaginado. [...] Que estas páginas sejam “o fim do começo” de uma autêntica interpretação latino-



americana de Bloch – interpretação que só poderá ser realizada, aliás, pelos próprios latino-americanos. Caracas, 1968. (Furter, 1974, pgs 14-15).

Assim, percebe-se que o encontro entre estes dois educadores culminou numa recíproca influência: primeiro, Freire apresentou a Furter a possibilidade de vivenciar a utopia concreta na experiência de alfabetização conscientizadora que mudou substancialmente seu olhar sobre a educação. Mas, por outro lado, Furter contribuiu teoricamente para que Freire assumisse o pensamento utópico como base e fundamento da sua proposta político-pedagógica, fornecendo-lhe subsídios epistêmicos para justificar seu discurso profético e existencialmente engajado na denúncia a todas as formas de desumanização, assim como no anúncio da humanização.

Pode-se dizer, assim, que ambos retroalimentaram suas perspectivas utópicas num exercício de comunhão pela transformação da realidade e da busca pela justiça por meio da educação. Furter, destacou-se como um exímio estudioso e pesquisador da tradição utópica e a educação. Caracterizou-se pela profundidade analítica e conceitual das categorias do pensamento utópico e suas implicações para a formação humana. Já Freire, projetou-se como um exímio propagador da utopia, um sonhador acordado que anunciou profeticamente seus sonhos e buscou contagiar os educadores a cultivar seus sonhos e, mais que isso, atualizarem sua realização.

O Andarilho da Esperança e o Catedrático da Utopia: Características e aspectos do pensamento utópico de Paulo Freire e Pierre Furter

Tanto o Paulo Freire, como Pierre Furter foram cristãos comprometidos na busca de coerência entre as suas crenças e as suas práticas. Influenciados pelo marxismo, mas também por outras filosofias humanistas, os dois encontraram no pensamento utópico o sentido mais profundo das suas esperanças cujas origens foram religiosas: Paulo, a partir do catolicismo, influenciado pela mãe, no qual permaneceu vinculado até o fim da vida; Furter, a partir do Calvinismo, que lhe forneceu uma



sólida bagagem teológica e filosófica, que permaneceu viva em seu espírito por toda sua vida, apesar de ter assumido o ateísmo.

Pierre Furter: O Catedrático da Utopia

Este detalhe pode ser interessante para que qualifiquemos nosso olhar sobre as perspectivas utópicas de cada um. A origem calvinista e europeia de Furter diz muito sobre sua personalidade, as características da sua formação intelectual e a sua relação com o pensamento utópico. O calvinismo é conhecido pela austeridade moral, condição de aperfeiçoamento para que o fiel seja reconhecido na comunidade como “eleito”, contemplado pela “graça” divina. Além disso, a cultura europeia, particularmente a Suiça, é marcada pela “frieza” temperamental, pela contenção dos sentimentos, afetos e expressões corporais, em contraposição ao cultivo da precisão analítica e perspicácia intelectual. Isso revela um pouco da personalidade introspectiva de Pierre Furter, alguém profundamente concentrado nos assuntos que examinava, cuja intensa produção intelectual demonstra um amplo repertório bibliográfico sempre atualizado, refletido nas citações precisas e comentadas em notas, quase sempre, críticas, em todos os seus escritos. Deve-se considerar, também, que Furter nasceu em 1931, momento de mudanças significativas no cenário europeu, com a ascensão do fascismo e do nazismo e, consequentemente, com a eclosão da II Guerra Mundial. Foi testemunha de todos estes eventos morando num país “neutro”, mas localizado no epicentro destas tensões, gozando de uma relativa tranquilidade para desenvolver sua sólida formação intelectual na adolescência e, posteriormente, na juventude, no pós-guerra, quando se doutorou no final da década de 1950. Em sua trajetória formativa, sempre foi um intelectual zeloso pelos ritos e normas acadêmicas, o que lhe permitiu enorme reconhecimento por parte de seus pares, devido à profunda capacidade analítica sobre os temas que abordava.

Pierre Furter procura evoluir na busca da coerência entre as suas crenças calvinistas com a transformação social, na confluência do calvinismo com o socialismo e, finalmente, com o marxismo. Como filósofo da educação, e comparativista acadêmico, Pierre Furter estudou os movimentos sociais



buscando as práticas e as dinâmicas que estão por trás das mudanças sociais, a fim de compreender os processos emancipatórios na sua relação com e para além das circunstâncias históricas. Desta forma, estudou as práticas do *agitprop* soviético, das Missões culturais mexicanas e as Missões Pedagógicas na Espanha (Furter 1988, p 25-26).

O estilo de Pierre Furter se caracterizou por um posicionamento mais acadêmico e eurocêntrico, por isso podemos chamá-lo de uma “catedrático da utopia”. Bebeu da sociologia francesa e suíça, principalmente de autores como Pierre Bourdieu, Joffre Dumazedier e Henri Desroche. Também, manteve interlocução com os trabalhos do seu amigo Michel Bassand, que pesquisava sobre desenvolvimento regional e as relações de assimetria e poder entre o centro e a periferia.

Destacou-se no mundo acadêmico pelo alto grau de erudição, rigor expositivo, precisão conceitual e crítica de todos os temas que analisava. Entre estes, deu especial atenção pela temática da utopia, em diálogo permanente com os pensadores da tradição utópica, principalmente na interpretação minuciosa de Ernst Bloch. Pode-se dizer que Furter se tornou uma espécie de “Catedrático da Utopia”, e, por conseguinte, um “Intelectual Utópico”, vindo a tornar-se um dos maiores estudiosos sobre a temática, na tentativa de entrelaçar as exigências do pensamento utópico com os problemas educacionais. Destaca-se, entre outros escritos, seu trabalho mimeográfico intitulado “América Utópica: ensaio sobre a contribuição do pensamento utópico para o desenvolvimento da formação dos latino-americanos” (Furter, 1977/1978). Nele expõe um exaustivo esforço de aproximar as categorias do pensamento e da tradição utópica com a pedagogia e as ciências da educação que se ocupam, exclusivamente da “formação humana”. Assim Furter se exprime: A convergência entre o pensamento utópico e a reflexão sobre a prática pedagógica não se situa somente no nível dos fundamentos. Se ambos parecem partir do mesmo princípio, o de que há mais possibilidades no real do que se supõe à primeira vista, eles convergem igualmente na certeza de que é possível dar uma forma concreta a estas possibilidades. Formar é intervir em função de um modelo que a formação valoriza mais do que os outros e que se apresenta como melhor em relação àquele em



que se está. Desta forma, a utopia propõe os modelos em função dos quais é possível tomar distância da realidade omnipresente. Ela tem sempre raízes contingentes e está historicamente situada, pois não existe e não se afirma a não ser na medida em que nega e se opõe e, em todo o caso onde ela se inscreve como contraponto de uma dada situação. Assim, não há formação possível a não ser na negação praticada de uma ‘natureza’ recebida e adquirida. É por que a formação remete tanto a um homem novo quanto a um homem velho que se trata de remodelar, de eliminar, ou de superar. O adulto é tanto a realização da criança quanto a sua perpétua negação. (Furter, 1977-78, p. 3-4). Tradução nossa.

Como Filósofo da Educação e “Catedrático da Utopia”, Furter assume a tarefa de justificar uma “exposição” conceitual sobre os fundamentos da imbricação entre pensamento utópico e educação. Para ele, se a utopia tem uma função formadora, por outro lado, a formação tem uma dimensão utópica. Se a ação formadora se encara em referenciais para atuar, intervir, educar os seres humanos, o pensamento utópico, com base na imaginação criadora, propõe estes referenciais modelares que evocam nos educadores a sua persecução. Obviamente que este estilo acadêmico de aprofundar os fundamentos analíticos da filosofia da educação se volta para um público mais restrito, daqueles que já estão familiarizados com esta linguagem rebuscada, exigente, por assim dizer.

Ao tecer essa aproximação conceitual entre o pensamento utópico, o planejamento e a educação permanente, mais uma vez Furter justifica criteriosamente os fundamentos:

Não é porque uma coisa não está em determinado lugar que ela nunca estará lá. É possível que um indivíduo, ou uma coletividade lutem para que esta coisa – cujo estatuto é atualmente difícil de se ser definido – possa existir, possa estar presente. Assim, a educação permanente seria o que caberia aos planejadores tornar presente e realizar. Bem longe de responder ao que fracassa incessantemente, ela designaria o que ainda espera sua realização. [...] O bom emprego de um modelo utópico remete, pois, a um constante confronto entre o possível – tal como se exprime por um conjunto coerente de hipóteses – e o provável – tal como aparece na análise das condições de realizações (Furter, 1978, p. 79).



O teor com o qual Furter se exprime sobre a utopia e a educação, possui uma perícia analítica exaustiva. Seus argumentos são cuidadosamente encadeados, por isso, sobressalta seu estilo acadêmico. Constrói seu raciocínio com a perícia exemplar de um *expert* que se apropriou profundamente da temática que examina, e surpreende seus interlocutores com sua perspicácia autoral e minuciosa. No embate acadêmico, Furter explana sobre todas as implicações, exigências, limites e possibilidade do que representa a autenticidade de se assumir como educador utópico. Realiza uma espécie de apologética do pensamento utópico, no qual encontra uma chave hermenêutica para sua ontologia da realidade histórica em devir, a qual se coaduna com a abertura antropológica que se constitui na medida em que se efetiva no e com o mundo.

Deve-se lembrar que Furter não só foi um estudioso da utopia. Como catedrático ele se interessou também pela transformação da realidade, pois procurou estar próximo e participando das práticas que promoviam a mudança social. É por isso que ele foi a Recife para conhecer as práticas de alfabetização de Paulo Freire e fica fascinado com o que encontra. Nunca esteve na primeira fila da ação direta e da dinamização das comunidades, mas na procura do sentido mais profundo da utopia e as possibilidades de mudança, ele optou por estar perto, analisando e, com as suas explicações e análises, participando das dinâmicas de transformação social.

É por isso que Furter vai para o Brasil, para encontrar a prática de uma educação realmente coerente com os seus estudos e pesquisas. Mais tarde, vai para a Venezuela, onde não só encontra práticas descolonizadoras de desenvolvimento na América Latina, como também, encontra a mulher que se tornaria a sua esposa pelo resto da vida, curiosamente chamada de *Maria-Esperanza*, a quem dedica a grande maioria de suas obras. Em seguida, viaja para a Espanha, onde realiza análises e contribuições acadêmicas nas dinâmicas de desenvolvimento da escola rural em Galiza, ou a animação sociocultural na Comunidade Valenciana. Do mesmo modo participa e posiciona-se no debate sobre a animação e a gestão cultural na Europa, seguindo os critérios e pesquisas do grupo de trabalho liderado pelo seu amigo e colega Michel Bassand. (Rossel, Hainard, Bassand 1990)



Podemos dizer que o nosso catedrático da utopia foi também um animador cultural, que atuava nos “bastidores”, pois onde ele via uma prática sociocultural transformadora, desde que tivesse aspirações utópicas e fosse aceita pelos atores comunitários, ele, mantendo o seu papel de intelectual, era capaz de estabelecer um compromisso transformador, na medida que incentivava os agentes da intervenção para dar significado e coerência às suas práticas socioeducativas.

Furter participou ativamente no movimento da escola rural galega através dos seus seminários de formação e oficinas práticas, participando intelectualmente da transformação da escola rural nas aldeias de Galiza, na Espanha. Fruto do seu trabalho, neste sentido, foi o texto “A problemática da formação e da escolaridade nas zonas de montanha” (1990). Do mesmo modo, sua atuação foi reconhecida pela Universidade de Santiago de Compostela, que lhe outorgou a distinção do Doutor “Honoris Causa” no ano 2000.

No campo da animação sociocultural, Furter, um conhecedor das dinâmicas da animação na Europa, não só pelos seus trabalhos na UNESCO, mas também, pelos seus estudos de autores como Dumazedier, Bourdieu ou Bassand, é o primeiro acadêmico que ligou o movimento da animação sociocultural espanhola com os ideais Krausistas, ligados a “Instituição Livre de Ensino”. Foi no Congresso da Animação organizado pela Universidade a Distância (UNED) em Madrid em 1988 que ele, na sua contribuição, explica como a animação, que para os acadêmicos e animadores espanhóis era uma ferramenta de democratização importada da França por meio do Conselho da Europa, estava realmente ligada à tradição liberal espanhola da utopia e a profunda transformação social que impulsava a Instituição Livre (ILE), desde 1876.

Furter também se posicionou nas questões do desenvolvimento regional, que estudou na Suiça (1983), e na Espanha (na região das “Hurdes”), em que, seguindo as contribuições da equipe de Pierre Bassand, tomou parte do debate entre a Animação e a Gestão da Cultura em Espanha. Uma questão que, para ele era chave, já que supunha a necessidade de que se diferenciasse uma cultura elitista e uma cultura comprometida com o povo, que fosse transformadora. Neste sentido, ele participou em vários seminários na Escola da Animação Juvenil de Valência, tomando partido por uma



cultura gerida com as populações, ao serviço do desenvolvimento regional sustentável. Concretamente, Furter participou ativamente no seminário sobre a Gestão da Cultura em Cheste (Valência) em 1989. Nos debates ele introduz a variável territorial que, mais tarde, vai orientar uma profunda mudança nos animadores do momento.

Em muitos documentos, a noção de território está ligada à ideia que vamos ver de como organizar uma ação num determinado espaço. Nas ciências sociais, o território, hoje é um conceito, está por um lado ligado a uma representação coletiva, uma representação de um espaço social onde vários elementos podem entrar para a sua construção. (Furter, em VVAA 1991, p. 79)

Esta variável vai fundamentar um trabalho participado, gerido em e com as comunidades e com o objetivo de contribuir ao desenvolvimento sustentável. O Pierre Furter vai inspirar e tutelar também a produção do livro “Animación y Gestión Cultural” (Boix, Viché, 1990) que, durante muitos anos, foi uma referência pelo trabalho dos animadores socioculturais e que vai contribuir ao posicionamento da animação por uma cultura transformadora, que se fundamenta sobre uma concepção utópica do seu trabalho mais quotidiano.

Por fim, Furter conclui sua trajetória acadêmica na década de 1990, com a publicação da obra “Mondes Revêrs: formes et expressions de la pensée imaginaire” (Mundos Sonhados: formas e expressões do pensamento imaginário), no qual, em seus agradecimentos iniciais, revela que foram necessários 20 anos, após diversas cópias, para que chegasse à presente versão (Furter, 1995). Ou seja, demonstra que procurou deixar um legado numa obra intencionalmente aperfeiçoada, “lapidada” durante um longo tempo. Obviamente que se trata de uma produção da sua maturidade intelectual, na qual faz uma revisão criteriosa dos seus estudos, a fim condensar suas intuições elementares sobre a complexidade da imaginação utópica na história moderna. Sua expectativa, nesta obra, porém, declinou-se em frustração: “Não teve nenhum êxito... é o último livro, quando eu... vendi mil exemplares, coisa assim, em absoluto e, talvez o meu livro mais querido... e foi um fracasso total. E de novo o problema do fracasso” (Furter; Peroza, 2020, p. 292).



Paulo Freire. O Andarilho da Esperança

Por sua vez, Paulo Freire, na condição de brasileiro de origem nordestina, nasce na década de 1920, em que prevalecia o catolicismo popular, com rezas e orações itinerantes, com grande protagonismo dos fiéis leigos na organização de festas e devoção aos santos. A cidade do Recife, no nordeste brasileiro, é conhecida por sua exuberância tropical, cujo calor climático se reflete no “calor humano”, propiciando uma cultura de sujeitos extrovertidos, expansivos, que valorizam a interação social, a festa e a alegria. Com a crise de 1929, e a morte precoce do pai, sua família sofre uma grande crise econômica, passando por muitas dificuldades financeiras, as quais prejudicaram sua formação intelectual inicial e que foi remediada com a peregrinação da sua mãe por uma bolsa de estudos num colégio particular tradicional. Freire superou estas dificuldades se tornando um aluno de destaque, com grande amor pela leitura e pela docência, logo na juventude. Abandona a profissão de advogado, de sua formação jurídica, para se tornar educador junto às populações pobres, com quem interagia, dialogava, conhecia a precariedade das suas vidas e se sensibilizava com os problemas da sua realidade.

Apesar de Freire ser um leitor contumaz e muito estudioso, nele prevaleceu o gosto de interpretar os anseios populares, a fim de que pudesse propor uma ação educativa relevante para transformar os contextos de desumanização. Sua personalidade carismática se revelava na medida em que exercitava a comunicação com as pessoas simples. Assim, Freire se destaca pela conexão dialógica com os meios populares, nos quais aprofunda a proposta de articular uma prática refletida, cuja primazia dos problemas concretos interpelava respostas teóricas pertinentes para os anseios da vida. Suas obras serão marcadas por esse estilo didático e espontâneo de se comunicar claramente, sem perder o rigor analítico. Em seus escritos, prevalece uma síntese intuitiva das correntes de pensamento que se apropriava, sem preocupação com citações e referências, ou minúcias de normas acadêmicas.



Foi assim que incorporou em seu discurso uma espécie de dimensão profética das principais diretrizes do pensamento utópico, tornando-se uma espécie de visionário que tentou profundar e explicar com clareza a viabilidade do sonho que anunciava, como se estivesse convocando seus leitores a ousarem projetar ações libertadoras inéditas, sem temer o risco de buscar viabilizá-las.

Esta vertente “profética” do pensamento utópico de Paulo Freire contextualiza-se na perspectiva da doutrina social da Igreja Católica e, configurados na Ação Católica, movimento de base que surgiu na década de 1930, com o propósito de que a Igreja se aproximasse da vida das pessoas, inspiração para o que posteriormente, Freire intui a formação dos círculos de estudos. Foi na Teologia de Libertação que Paulo Freire encontrou a síntese entre a teologia, o marxismo e o personalismo de Mounier como uma forma de humanizar e dignificar a vida das pessoas à luz do Evangelho. É importante lembrar que Paulo foi contemporâneo de grandes personalidades e teólogos que lhe serviram de inspiração, tais como: Hélder Câmara e Ernesto Cardenal, grandes personalidades proféticas latino-americanas, declaradamente utópicas, que exerceram clara influência nas suas concepções de história, de ser humano, do mundo, de fé e esperança. Com eles, Paulo Freire encontrou o diálogo entre a teologia oficial da Igreja e o marxismo, cuja conciliação apontava para a defesa dos direitos humanos, uma concepção da mulher e do homem como classe oprimida e a superação desta situação para conseguir a libertação e a mudança nas condições de vida da população.

Nas andanças que fez pelos vários lugares em que passou para anunciar seus sonhos, ficou conhecido como o “Andarilho da Utopia”, um porta-voz da realidade porvir, aquela que trará, inevitavelmente a necessidade de transformar o status quo. Diferentemente de Furter, Freire assume o pensamento utópico de maneira dialógica e existencial:

[...] uma outra pergunta que eu venho me fazendo de uns anos pra cá, se faz em torno do que eu chamo um lugar na educação ou na prática educativa para os sonhos possíveis. Corro o risco de parecer ingênuo, mas, na verdade, nada aí é ingênuo, eu diria a vocês. Ai de nós educadores se deixamos de sonhar os sonhos possíveis. E o que é que eu quero dizer com sonhar o sonho possível? Em primeiro lugar, quando eu digo sonho possível é por que há na verdade sonhos impossíveis, e o critério da



possibilidade ou impossibilidade dos sonhos é um critério histórico-social e não individual (Freire, 1982, p. 99).

Esta fala de Freire exemplifica muito bem sua intencionalidade comunicativa de teor nitidamente popular e didático na exposição sobre a necessidade do pensamento utópico para os educadores. Seu estilo profético se revela no caráter admoestador: “*ai de nós educadores se...*”. O termo “Andarilhagem” traz uma conotação de leveza e desprendimento, pois aquele que andarilha pelas veredas e caminhos distantes, evita carregar muita bagagem para não se fatigar apressadamente. Freire possuía uma autoridade moral para comunicar espontaneamente seus sonhos. Sua história de vida comprometida com a prática do seus sonhos, lhe conferia uma espécie “sabedoria prática”, no sentido de alguém que desafiou os obstáculos que impediam a realização dos seus sonhos, sem jamais desistir. Era um animador sociocultural, seu discurso motivava a persistência dos educadores a sempre acreditarem que, em suas palavras, “*mudar é difícil, mas é possível*”.

Sua atuação sempre se destacou pelo protagonismo fronteiriço, cuja liderança desbravadora arrastava e inspirava quem o acompanhava. Como Diretor da Divisão de Educação e Cultura, no SESI de Pernambuco, iniciou sua vida profissional entre a década de 1950 e início de 1960. Nesta função, Freire nunca se restringiu às atividades burocráticas, mas sempre procurou se aproximar das famílias dos estudantes do SESI a fim de compreender sua condição socioeconômica, e apontar soluções para os problemas educacionais decorrentes das situações de vulnerabilidade social. Foi nesta época que se tornou docente na Universidade de Pernambuco, vindo a ganhar notoriedade como Diretor do Serviço de Extensão Cultural (SEC), departamento criado justamente para aproximar a Universidade da sociedade, em 1962. Foi aí que Freire elaborou e sistematizou seu reconhecido “método de alfabetização”, proposta que revolucionou a compreensão sobre a educação de jovens e adultos. O êxito desta experiência foi tão extraordinário que Freire foi convidado para participar do Plano Nacional de Alfabetização, que irradaria em todo o território nacional este modelo. Após sua rápida estadia no Chile, como assistente do ministro Jacques Chonchol no ICIRA (Instituto de Capacitación



y Investigación em Reforma Agrária) e INDAP (Instituto de Desarrollo Agropecuario), e nos EUA, como professor em Harvard, Freire passa a década de 1970 no Conselho Mundial de Igrejas, período em que Freire se projetou no mundo, mas que dedicou especial atenção ao processo de alfabetização em Guiné-Bissau, e São Tomé e Príncipe, na África, como grupo do IDAC (Instituto de Ação Cultural). O depoimento de Freire sobre este período é crucial para nossa investigação:

E naquela época eu sabia que o Conselho ia me dar a margem que a universidade não me daria. Eu temia, ao deixar a América Latina, perder o contato com o concreto e começar a me meter dentro de uma biblioteca e a operar sobre livros, o que não me satisfaria e me levara à alienação total. Não me interessava passar um ano estudando um livro, mas um ano estudando uma prática diretamente. O Conselho me dava essa oportunidade (Freire, Apud: Araújo Freire, 2017, p. 191)

Este interesse de Freire pela primazia do “concreto”, corrobora nossa ênfase contrastar sua andarilhagem utópica, com o perfil acadêmico e teorizante de Furter. No retorno do exílio, na década de 1980, Freire procura “reaprender” o Brasil. Apesar de se dedicar às atividades acadêmicas na PUCSP e UNICAMP, além de incontáveis palestras por todo o Brasil e América Latina, Freire participaativamente da fundação do PT (Partido dos Trabalhadores), bem como da militância pela redemocratização do Brasil, que culminou com a Assembleia Constituinte de 1988. De 1989 a 1992 foi Secretário de Educação na Prefeitura de São Paulo, maior metrópole da América Latina, durante o governo da prefeita Luiza Erundina, demonstrando mais uma vez seu interesse por liderar processos práticos, nos quais poderia exercitar a realização daquilo que chamava de “inédito-viável”. Toda sua trajetória de vida foi marcada por um protagonismo itinerante.

A itinerância de Freire por diferentes países e culturas, transitando entre Universidades e Movimentos Sociais ou Associações de trabalhadores e estudantes, demonstra seu interesse contínuo em dialogar para manter interlocução com as múltiplas vozes que reverberam diferentes formas de opressão. Neste sentido, busca compreender a multiplicidade dos mecanismos de desumanização, a fim de denunciá-las, mas também, para auxiliar no processo de estimular as pessoas a abraçarem coletivamente seus sonhos e assumirem as consequências de realizá-los, apesar de todas as



dificuldades que pudessem aparecer. Por isso, sua preocupação não se restringe a examinar e discorrer minuciosamente sobre o conteúdo conceitual do pensamento utópico, mas sim, comunicar sua experiência utópica encarnada na vida, como uma estratégia de irradiar o conteúdo visionário da sua imaginação subversiva e criadora. Assim, Freire se expressa sobre os objetivos da sua obra *Pedagogia da Esperança*:

A *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a *Pedagogia do Oprimido* é um livro assim, escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança. Uma defesa da tolerância, que não se confunde com a conivência, da radicalidade; uma crítica ao sectarismo, uma compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neoliberal (Freire, 2006, p. 12).

Assim como Furter, no auge da sua maturidade intelectual, Paulo Freire se dedica a escrever uma obra em defesa da utopia. A *Pedagogia da Esperança* é um livro sem capítulos, escrito na primeira pessoa, em diálogo com a trajetória da *Pedagogia do Oprimido*, mas também com os desafios do seu tempo presente, na década de 1990. Como se fosse uma espécie de diário, esta obra tem um caráter epistolar e dialógico, completamente avesso aos esquematismos normativos das exigências acadêmicas, como preferia Furter.

Ao andarilhar utopicamente, Freire convida seus leitores a se colocarem em movimento consigo. O caráter dialógico com o qual Freire exprime seu pensamento utópico facilita a comunicação com as classes populares, visto que é de fácil compreensão e, além do mais, possui uma clareza política, ética e estética encantadoras. Isso se acentua, quando Freire se exprime na primeira pessoa, como se revelasse os desejos mais profundos que se passam em sua interioridade:

Mas sempre, e sobretudo agora, de cinco ou seis anos pra cá, venho insistindo fortemente na questão da utopia, na questão do sonho, na questão da esperança, na questão da ética. Eu venho falando tanto e escrevendo que, às vezes, até quando abro a boca, tenho a impressão de que o aluno vai dizer: ‘Paulo, você vai falar sobre utopia?’ Por que isto está presente, está no meu corpo, na minha convicção [...].



A esperança radica exatamente nesta necessidade natural do ser humano. Sabedor de minha inconclusão, eu busco a certeza do que preciso procurar (Freire, 2004, p. 272-274).

Percebe-se, portanto, um tom confessional e profundamente existencial no pensamento utópico de Freire, um intelectual da práxis, que chama e motiva seus interlocutores para o engajamento histórico em práxis libertadoras. Suas palavras estão “encharcadas” (para usar um termo que o próprio Freire gostava de utilizar) de um teor epistêmico-emocional, no qual integra a razão e os afetos com grande naturalidade.

Frieza e Calor: sobre a “temperatura” dos sonhadores...

A título de conclusão, convém que destaquemos mais a complementariedade, do que a distinção destes educadores e intelectuais utópicos tão singulares. Enquanto Catedrático da Utopia, Furter nos convida a estudar, compreender, examinar e sistematizar, tanto a história da utopia, quanto as características e exigências do pensamento utópico. Ele nos ensina que é preciso organizar as categorias do nosso imaginário, a fim de que possamos justificar e ajustar o discurso antecipatório em sintonia com as possibilidades reais de transformação da realidade. Furter nos provoca a sermos vigilantes e atenciosos às experiências inéditas em vias de realização, a fim de que possamos acompanhá-las e subsidiá-las criticamente no devir de seu processo histórico. Por sua vez, Freire nos convoca à prática revolucionária. Como Andarilho da Utopia, ele propaga seus sonhos com entusiasmo e motivação. Seu pensamento utópico é energizante e explosivo, nos desafia a imaginar o futuro, muito além das estruturas paralisantes do presente. Por isso, nos empurra às “fronteiras” do desconhecido, a fim de que sejamos capazes de trilhar caminhos inéditos, desbravar novas experiências, a fim de que possamos vencer nossos medos, na medida em que aprendemos a gostar do risco, ao tomar partido pelos oprimidos.

Ernst Bloch (2005) dizia que o marxismo tem uma corrente quente e uma corrente fria. A corrente quente se refere ao calor revolucionário, à exigência imediata da ação e da transformação



histórica. A corrente fria se referia à análise das condições objetivas para que se viabilizasse essa transformação. Neste sentido, frieza e calor são os motores da práxis revolucionária utópica. O “calor” nos impele a mudar o mundo, a transformar a realidade, a lutar contra toda e qualquer aparência de determinismo. A “frieza” nos possibilita o cálculo do caminho realizado, assim como orienta na direção permanente do alvo almejado.

Apesar de Freire e Furter não se filiarem, exclusivamente, à tradição marxista, suas maneiras de pensar utopicamente conjugam bem estas duas noções: no primeiro, prevalece o calor revolucionário que nos convoca e motiva para a ação transformadora, já no segundo, prevalece a frieza analítica e criteriosa, tão necessárias para preservar a lucidez e a coerência na medita em que ocorre essa transformação.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO FREIRE, A. M. (2017). Paulo Freire: uma história de vida. 2^a ed. rev. Atualizada. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- BLOCH, Esnst. O Princípio Esperança. v. 1. Trad. Nélio Shneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.
- BOIX, Teresa, VICHE, Mario. Animación y Gestión Cultural. Grup Dissabte. 1990
- CHARLOT, Bernard. Educação ou Barbárie? Uma escolha para a sociedade contemporânea. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2020.
- FIORI, Ernani Maria. Primeiras Palavras. In: FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1967.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Educação e Atualidade Brasileira*. São Paulo: Cortez Editora & Instituto Paulo Freire, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. Ana Maria Araújo Freire (Org. e Notas). São Paulo, UNESP, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra: 2007.

FREIRE, Paulo. *À Sombra desta mangueira*. São Paulo: Editora Olho D'água, 1995.

FURTER, Pierre. . *Utopie et marxisme selon Ernst Bloch*. Archives de Sciences Sociales des Religions, Année 1966, Volume 21, 1966, Numéro 1 p. 3-21.

FURTER, Pierre. *Desafios nos trópicos*. In: GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

FURTER, Pierre. *Educação e vida*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

FURTER, Pierre. *Educação e reflexão*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

FURTER, Pierre. *O planejador e a educação permanente*. Cadernos De Pesquisa, (27), 1978. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1731>.

FURTER, Pierre. *Les espaces de la formation*. Presses Polytechniques Romandes. 1983

FURTER, Pierre. *Um siecle d'interventions socioculturelles en Espagne*. Université de Geneve. Document de travail DSF nº 23. 1988. Recuperado de

https://quadernsanimacio.net/pierrefurter/index_htm_files/IntervencionsocioculturalEspana.pdf



- FURTER, Pierre. A problemática da formação e da escolaridade nas zonas de montanha, 1990. Recuperado de https://quadernsanimacio.net/pierrefurter/index_htm_files/A%20problematica.pdf
- FURTER, Pierre. Las Hurdes, Fictions et Réalités d'una region espagnole, (1993-4) Recuperado de https://quadernsanimacio.net/pierrefurter/index_htm_files/LAS%20HURDES.pdf
- GREYS, Yone. O elemento utópico no pensamento de Pierre Furter. Campinas, SP: (s/n). Orientador: João Francisco Régis de Moraes. Dissertação de (Mestrado). Universidade de Campinas. Faculdade de Educação, 1996.
- PEROZA, Juliano. Entrevista com o educador suíço Pierre Furter. Revista Educação & Linguagem, V. 23, n. 2, p. 269-298, jul./dez, 2020.
- ROSSEL, Pierre, HAINARD, François, BASSAND, Michel. Cultures et Réseux em Périphérie. Réalités Sociales (1990).
- TEIXEIRA, Érica. Narrativas Além-Mar: O Mestre suíço Pierre Furter na percepção dos ex-alunos brasileiros Moacir Gadotí e Peri Mesquida, Em VVAA. A Educogenia de Pierre Furter. A comunidade também educa, Revista de Pedagogia Social UFF, Revista Quaderns d'Animació i Educació Social. 2021.
- SCOCUGLIA, Afonso C. A História das ideias de Paulo Freire e atual crise de paradigmas. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 1999.
- VVAA, Escola d'Estiu d'Animació Sociocultural. Revista d'Estudis i Documentació. Escola d'Animadors Juvenils. IVAJ (Valênciia) 1991.